

A URGÊNCIA DE UMA CIÊNCIA SITUADA E COMPROMETIDA COM OS TERRITÓRIOS

À medida que se intensificam as múltiplas crises que atravessam nossa região — ambientais, sociais, econômicas e culturais — torna-se cada vez mais evidente a necessidade de uma ciência que não apenas busque a excelência acadêmica, mas que esteja profundamente enraizada nos territórios. Ou seja, uma ciência situada, capaz de responder aos contextos locais, dialogar com saberes tradicionais e contribuir ativamente para enfrentar os desafios vividos por nossas comunidades.

A América Latina e o Caribe possuem uma extraordinária riqueza natural e cultural, mas também uma profunda vulnerabilidade socioambiental. A desertificação, a perda de biodiversidade, o retrocesso de ecossistemas-chave, a insegurança alimentar e os deslocamentos forçados por desastres naturais ou conflitos socioeconômicos são problemas que exigem respostas da ciência — mas não de qualquer ciência. É preciso uma ciência que compreenda as dinâmicas históricas, os marcos normativos, as trajetórias institucionais e os valores que moldam os modos de vida das populações afetadas.

Nesse sentido, a noção de ciência situada adquire um valor estratégico. Não se trata de renunciar à universalidade do conhecimento, mas de afirmar o enraizamento territorial do processo científico, reconhecendo que as perguntas de pesquisa, as metodologias, as interpretações e os impactos estão condicionados pelos contextos sociais, ecológicos e políticos em que o saber é produzido. Essa perspectiva não apenas enriquece o conhecimento, como também amplia sua legitimidade e capacidade de incidência.

Os artigos que compõem este número de *Interciencia* refletem com clareza essa vocação: desde estudos que analisam as tensões e aprendizados decorrentes das políticas de garantia da qualidade na formação inicial de professores no Chile, até pesquisas que validam instrumentos para avaliar o ensino inclusivo e as competências associadas ao pensamento criativo e sustentável em estudantes universitários, passando por análises sobre a consciência histórica e suas implicações para a educação cidadã, bem como por investigações recentes acerca dos fatores-chave na relação entre inteligência artificial e ética acadêmica em universitários. Em todos esses casos, observa-se uma ciência que não se afasta da realidade, mas que se envolve ativamente com ela, respondendo a contextos locais e a necessidades sociais urgentes.

É igualmente fundamental destacar a crescente importância da transdisciplinaridade e da coprodução do conhecimento. Muitos dos problemas mais prementes da região

não podem ser enfrentados de forma eficaz por uma única disciplina ou a partir de uma perspectiva exclusivamente acadêmica. A colaboração entre cientistas, técnicos, formuladores de políticas, lideranças comunitárias e detentores de saberes ancestrais torna-se não apenas desejável, mas imprescindível. É nesse diálogo horizontal que se constroem soluções mais robustas, justas e sustentáveis.

Na *Interciencia*, reafirmamos nosso compromisso com a difusão de uma ciência rigorosa, plural e pertinente. Entendemos que a atividade editorial não consiste apenas em selecionar e publicar artigos científicos, mas também em criar um espaço de encontro para as diversas vozes que compõem o ecossistema do conhecimento na América Latina e no Caribe. Para nós, uma revista científica deve ser também um agente ativo da transformação social e da defesa dos bens comuns.

Nesse contexto, convidamos a comunidade científica regional a continuar promovendo pesquisas que aliem excelência metodológica a compromisso territorial. Também instamos as instituições a fortalecer os mecanismos de financiamento, divulgação e avaliação que reconheçam e valorizem as contribuições daqueles que investigam desde e para suas comunidades. A ciência que transforma não é a que apenas acumula publicações indexadas, mas a que contribui para melhorar as condições de vida das pessoas, conservar o patrimônio natural e cultural e construir futuros possíveis orientados pela equidade e pela sustentabilidade.

Por fim, reiteramos que o desafio de consolidar uma ciência situada não recai exclusivamente sobre os pesquisadores. Trata-se de uma responsabilidade compartilhada entre universidades, centros de pesquisa, agências públicas, editores científicos e as próprias comunidades. Somente assim será possível construir uma cultura científica verdadeiramente comprometida com os territórios e alinhada com os princípios de justiça epistêmica, participação cidadã e desenvolvimento sustentável.

De nossa modesta, mas persistente trincheira editorial, a *Interciencia* continuará abrindo suas páginas às investigações que, com olhar crítico e vocação transformadora, contribuam para a construção de um conhecimento útil, inclusivo e profundamente latino-americano.

ANA RAQUEL PICÓN ÁVILA
Editora (E)
INTERCIENCIA